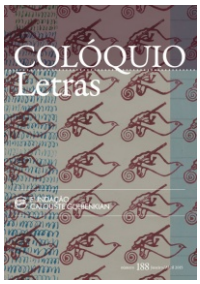

COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

[Recensão crítica a 'Crónicas Americanas', de Eduardo Mayone Dias]

Ricardo Vasconcelos

Para citar este documento / To cite this document:

Ricardo Vasconcelos, "[Recensão crítica a 'Crónicas Americanas', de Eduardo Mayone Dias]", *Colóquio/Letras*, n.º 188, Jan. 2015, p. 256-259.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

da terra natal, mesmo quando se encontra em Paris, Bristol ou Londres; este Eça continua, até aos últimos anos da sua vida, a procurar um Portugal mais culto, menos introvertido, prestes a tomar uma posição mais digna dentro dum mundo em mudança constante. E não se deve minimizar a importância cultural, por exemplo, das entrevistas de Jaime Magalhães Lima com Tolstoi publicadas na *Revista de Portugal*, assim como a tradução para o português de pelo menos um texto original deste importante autor. Teresa Pinto Coelho oferece-nos com este volume uma nova perspetiva sobre Eça e sobre um Portugal que talvez pudesse ter aprendido lições mais positivas com a comparação com o Reino Unido (como maior poder mundial no final do século XIX) em vez dos ressentimentos causados pelo Ultimatum de 1890 (comentados pelo próprio escritor numa crónica publicada na *Revista de Portugal* em fevereiro de 1890). Este livro é, afinal, uma contribuição de alto interesse para a compreensão não apenas de Eça mas também dum momento chave da cultura portuguesa e das relações entre Portugal e o resto da Europa.

David G. Frier

CRÓNICA

Eduardo Mayone Dias
CRÓNICAS AMERICANAS
Introdução de Francisco Cota Fagundes
Guimarães, Opera Omnia / 2013

Numa «Advertência» incluída em 1986 no volume *Novas Crónicas das Américas*, Eduardo Mayone Dias alertava os seus leitores para o facto de algumas das mesmas terem sido escritas já na década de 1970, e, usando de modéstia, afirmava mesmo que se as crónicas «têm algum valor é o de ilustrar um determinado momento» da região (127). Cinco anos antes, o autor usara da mesma modéstia em *Crónicas das Américas* (1981), para lembrar que estas tinham sido escritas entre 1971 e 1976, com vista a serem publicadas no *Diário Popular*, expressando-se por isso o temor de que delas só restasse o seu «carácter arqueológico» (25). A reserva era nesse contexto ainda maior, dado que as mesmas tinham sido escritas com a censura prévia em mente e por isso continham uma «maliciosa intençãozinha de contrastar o de lá e o de cá» (*ibid.*). Reúnem-se agora em *Crónicas Americanas* essas duas recolhas, verificando-se que os piores receios que o autor pudesse de facto ter tido não se justificavam, já que a leitura destas crónicas apresenta vários aliciantes para o leitor atual. Salienta-se desde logo a vitalidade da linguagem, que só esporadicamente denuncia as décadas decorridas desde a sua escrita. Mas é precisamente o debate que nelas se faz acerca da sociedade norte-americana, das comunidades luso-americanas e do espaço hispano-americano que confere atualidade às crónicas. Isto porque tal discussão oferece ao leitor de hoje não só a possibilidade de reconhecer a evolução das sociedades referidas — e nesse sentido o interesse arqueológico de que fala o autor não deixa de estar presente —, mas também a faculdade de distinguir o transitório do estrutural no que diz respeito quer à matriz cultural destes grupos identitários, quer ao olhar português em relação aos mesmos.

Assinale-se o cuidado tido na organização do livro, que integra a coleção «Rio Atlântico», da Opera Omnia, dirigida por Onésimo Teotónio Almeida. Incluem-se, para além dos prólogos das edições originais, de Miguel Barbosa e de José Martins Garcia, uma introdução em que Francisco Cota Fagundes vinca o perfil do «professor, do pedagogo e filólogo» Eduardo

Mayone Dias (7). A introdução reconhece ao autor a naturalidade com que assumia a posição de um mentor, enquanto professor na Universidade da Califórnia em Los Angeles. Salienta-se ainda a sua generosidade e o seu sentido de humor, baseado este último numa capacidade de «manipulação da linguagem» (10), característica que em meu entender é demonstrada precisamente nestas crónicas. A introdução destaca ainda a forte contribuição do autor para a área dos Estudos Portugueses nos Estados Unidos da América, quer pela atenção de Mayone Dias para com o «falar emigrês» (12) e a presença portuguesa na Califórnia, que decorre do seu constante contacto direto com essas comunidades, quer pela pesquisa filológica sobre literatura erudita que realizou, quer finalmente pelo seu trabalho pioneiro na criação de materiais didáticos para o ensino da língua portuguesa nos EUA, amplamente utilizados durante décadas.

É possível identificar quatro áreas temáticas principais de *Crónicas Americanas*: o uso da língua (seja ela o português, o espanhol ou o inglês); a vida das comunidades emigrantes portuguesas; a realidade dos países hispano-americanos (destacando-se o México); e, como tema principal, um comentário à sociedade norte-americana a partir de um olhar que é ao mesmo tempo de Mayone Dias e mais latamente português. Por outro lado, e regressando ainda à introdução, Francisco Cota Fagundes sistematiza algumas das características do «*corpus* cronístico» de Eduardo Mayone Dias, propondo uma tipologia que doravante deverá ser considerada no estudo destes textos do autor: a «crónica de lugares» e de «viagens», a «crónica etnográfica», a «crónica-retrato ou álbum» e a «crónica memorialista» (16), subgéneros que se articulam com as áreas temáticas que acima enumero. Exemplos da crónica de lugares e de viagens são todas aquelas que se reportam a certas regiões específicas dos Estados Unidos, como «Esta Incrível Cidade de Las Vegas», e por vezes associadas às comunidades portuguesas, como é o caso de «Descendo a Rua Augusta». Há vários exemplos de crónicas etnográficas, como a dedicada à «Noite das Bruxas e Outras Coisas Mais», surgindo também várias crónicas memorialistas no volume, incluindo alguns tributos individuais.

Julgo que se poderia ainda acrescentar à tipologia proposta por Francisco Cota Fagundes a crónica do universo académico, que no seu tom se diferencia do romance académico comum no espaço anglo-americano (*campus novel*) por se dedicar menos às intrigas departamentais humorística ou ironicamente apresentadas, ao estilo de um David Lodge, e mais à descrição da liberalidade e da diversidade do meio universitário e às idiossincrasias dos estudantes norte-americanos. Veja-se a este respeito as crónicas «Correndo sem Vergonha», «Verão em Isla Vista» e «Um Dia numa Universidade Americana». Na primeira, descreve-se o hábito do «*streaking*» (51), nascido precisamente nos anos 60, para ilustrar o ambiente de irreverência dos estudantes norte-americanos numa «época de costumes mais amolecidos» (53). Quanto a Isla Vista, a zona residencial estudantil, relativamente pequena, contígua à Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, é descrita como uma «ilha académica» (40) que ainda hoje mantém parte das características aqui apresentadas. A sua diversidade é visível a vários níveis: nos apartamentos, que vão dos «quase luxuosos» aos «exoticamente polinésios» (40); nos indivíduos, descritos como «uma fauna estranha [que] povoa estas ruas» (41), capaz de englobar um «rapaz desgrenhado», «raparigas com o bebé às costas», «um senhor escandalosamente burguês»,

«cães e estudantes por toda a parte» e até «uma freira de véu azul-pálido» (*ibid.*); e finalmente nas instituições, que integram «várias igrejas», um «seminário *mormon*» e «sociedades de meditação» (42), ou os grupos *hippies* defensores da plantação de marijuana e ferozmente opositores à política externa do país. Já em «Um Dia numa Universidade Americana» destaca-se a diversidade académica encontrada numa instituição como a UCLA, «toda uma pequena cidade de 32 000 pessoas» (67), com cursos, conferências, associações e eventos dedicados a áreas completamente díspares.

Note-se que nem por isso esta crónica académica que aqui caracterizo deixa de se encaixar nas crónicas etnográfica ou de retrato propostas por Cota Fagundes, já que ela é quase sempre feita por Mayone Dias no sentido de dar a conhecer uma visão de mundo diferente da do Portugal dos anos 70 e 80. O olhar do cronista é assim pessoal e português, e tem o mérito principal de revelar certo estranhamento mas nem por isso rejeição. O exemplo mais flagrante disso mesmo é «No Mundo Fantástico da Disneylândia», em que Mayone Dias ajuda o leitor a navegar por esse «monumento de artificialidade e eficácia» (157), aproximando-se da caricatura, mas não escondendo um fascínio com a evidente eficiência organizativa retratada. A crónica conclui aliás com um «E de facto, por que não?», que em meu entender nada tem de irónico e resulta de se reconhecer à experiência da visita ao parque de diversões um estatuto próximo da envolvência duma fantasia literária.

Como se demonstra, transversal aos subgéneros de crónicas, destaca-se muito claramente o objetivo de tentar uma caracterização da americanidade, que é percebida no momento em que se reconhece também um confronto de mundividências. Daí que dum ponto de vista estilístico as crónicas de Eduardo Mayone Dias se caracterizem por uma grande componente descritiva, associada a uma forte adjetivação que insinua divergências em relação ao mundo português de então, e algumas delas ao de hoje. Quanto à evolução da sociedade portuguesa, de resto, retém-se o episódio de «Quando a Notícia Chegou à Califórnia» em que se narra a chegada a Los Angeles de um visitante proveniente de Lisboa, precisamente a 25 de Abril de 1974. O leitor imagina que tal capacidade de estar no lugar errado à hora certa deixa o viajante «especado à beira do passeio, com as malas no chão, a expressão atónita, recusando-se a acreditar» (56). Percebe-se que se o viajante aterrara nos EUA esperando encontrar um planeta distinto, terá rapidamente imaginado que quando regressasse a Portugal encontraria uma outra galáxia. Também Eduardo Mayone Dias se terá inevitavelmente questionado sobre a mudança política em Portugal, perguntando-se se ela afastaria ainda mais os dois universos em que se movimentava, pela alteração da realidade conhecida na pátria, ou se, mais provavelmente, os aproximaria, com a desejada abertura da mesma.

Em suma, *Crónicas Americanas* adota sobretudo uma perspetiva centrada nas idiossincrasias dos Estados Unidos de entre o movimento *hippie* e o reaganismo. E tanto destaca as suas falhas, percebidas muitas vezes a partir do estranhamento sentido pela visão europeia e portuguesa que o autor nunca abandona, como sobretudo caracteriza perante o leitor um conjunto de virtudes visíveis na sociedade norte-americana. Decorre da leitura serem estas sobretudo a diversidade, as instituições democráticas, o desejo de autossuficiência, a busca de desenvolvimento económico, a eficiência organizacional, a liberdade académica e um frequente sentimento de jovialidade, que parece

desprender-se do comportamento dos estudantes, para se fixar na própria juventude da nação. Que *Crónicas Americanas*, optando por não escamotear os problemas, escolha frequentemente fazer a apresentação destes aspetos mais positivos dos Estados Unidos diz muito da atenção conferida ao real por Eduardo Mayone Dias e da sua abertura para se surpreender com essa mesma sociedade, que felizmente para o leitor se materializam na capacidade de transmitir o fascínio pela diferença cultural.

Ricardo Vasconcelos

ENSAIO

Iolanda Freitas Ramos
MATRIZES CULTURAIS
NOTAS PARA UM ESTUDO DA ERA VITORIANA
Lisboa, Edições Colibri / 2014

Inspirando-se no título da obra de T. S. Eliot, *Notes Towards the Definition of Culture*, *Matrizes Culturais. Notas para Um Estudo da Era Vitoriana* adota o conceito «notas» de duas formas. Como clarifica a autora: por um lado, não se trata de um estudo exaustivo; por outro, refere-se à grande quantidade de notas bibliográficas que incentivam a leitura de muitas obras que, estando fora de circulação, apenas podem ser consultadas na Internet.

O volume está dividido em cinco partes. A primeira consiste numa introdução histórica e cultural sobre a Era Vitoriana apresentando uma panorâmica dos estudos existentes sobre a mesma. Destaca-se, desde logo, uma das temáticas que percorrem a obra: o orgulho na prosperidade e, simultaneamente, a inquietação crítica com os efeitos dessa mesma prosperidade, como sejam a perda de valores sociais e morais.

Esta é uma das «matrizes», para utilizar uma das palavras do título, que caracterizam a sociedade vitoriana, assente em dualidades, que muito têm sido apontadas e analisadas pelos críticos. Eu diria, antes, complementaridades (o que conduziria a outro tipo de discussão). Estas podem ser encontradas na sociedade atual, também ela caracterizada por crises de valores. Na verdade, como anunciado logo no início, o estudo apresentado procura traçar uma linha de continuidade entre o passado e o presente prolongando a reflexão até aos dias de hoje. Aí reside um dos seus méritos.

Após esta Introdução, encontramos um segundo capítulo dedicado à evolução dos paradigmas políticos e ideológicos, com uma explicação sobre o sistema partidário e centrado, como não poderia deixar de ser, em Gladstone e Disraeli. Este capítulo analisa também o desenvolvimento da ideologia socialista mostrando por que é que a Grã-Bretanha não enveredou pela via radical — ou não enveredou na época; já o havia feito antes, ao contrário da França —, mas pela via reformista.

O capítulo III, intitulado «Axiomas da Sociedade Industrializada», é devotado ao debate social e cultural em torno da denominada «*condition of England question*». Divide-se em dois subcapítulos: «O Evangelho da Riqueza» e «A Felicidade da Maioria». É aqui versada a teorização económica, sendo fornecidos amplos esclarecimentos terminológicos e conceptuais, como, por exemplo, «liberalismo económico», «utilitarismo», «capitalismo», «*gentleman*», «*self-help*».

O capítulo IV debruça-se sobre o debate ético e intelectual e analisa alguns aspetos da intervenção artística e literária. As interrogações sobre o progresso, a denúncia do materialismo, as críticas à maquinaria, o questionar dos efeitos da revolução industrial por parte de muitos dos pensadores da época são aqui analisados, mostran-